

Um olhar sobre as paisagens do medo em Lagarto/SE

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA
GESTÃO DA PAISAGEM

Hérica Maria de Andrade Santos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
E-mail: herica.santos02@academico.ifs.edu.br

Ingrid Carvalho Santos Oliveira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
E-mail: ingrid.oliveira@ifs.edu.br

Wedson Andrade de Souza Filho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
E-mail: wedson.filho99@academico.ifs.edu.br

RESUMO

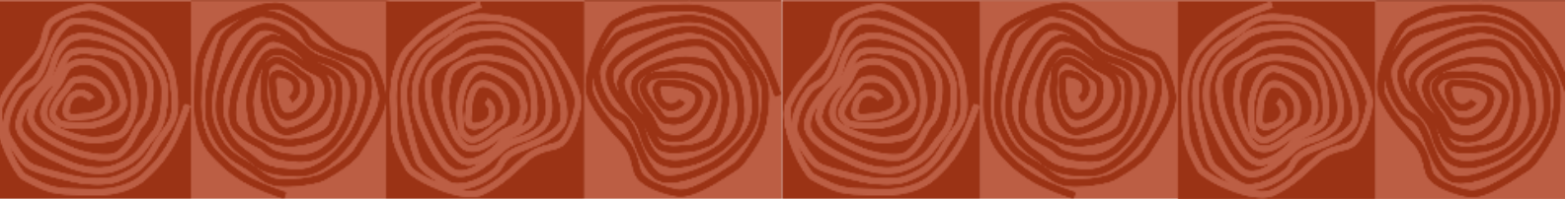
Observa-se que o medo e a insegurança produzem impactos não apenas nas relações sociais, mas também geram transformações espaciais e funcionais no ambiente construído. Desta forma, este estudo teve como objetivo apresentar uma análise crítica sobre como a violência, crescente no cotidiano urbano, influencia a arquitetura e a paisagem da cidade de Lagarto/SE. A pesquisa foi desenvolvida por meio de visitas em campo e levantamento fotográfico, permitindo identificar elementos arquitetônicos e urbanos que expressam estratégias de autoproteção, fechamento e segregação. Os resultados evidenciam mudanças significativas na paisagem urbana, marcadas pela adoção de barreiras físicas, reforço de limites privados e redução dos espaços de convivência. Conclui-se que a intensificação da violência contribui para o surgimento de uma cidade mais individualista, fragmentada e marcada por paisagens do medo.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; violência; cidade.

ABSTRACT

This study presents a critical analysis of how increasing urban violence influences the architecture and landscape of the city of Lagarto, Sergipe. It is observed that fear and insecurity affect not only social relations but also generate spatial and functional transformations in the built environment. The research was conducted through field observations and a photographic survey, which made it possible to identify architectural and urban elements that reflect strategies of self-protection, enclosure, and segregation. The results reveal significant changes in the urban landscape, marked by the adoption of physical barriers, strengthened private boundaries, and the reduction of public social spaces. The study concludes that the intensification of violence contributes to the emergence of a more individualistic and fragmented city, shaped by landscapes of fear.

KEYWORDS: Landscape; violence; city.



1 INTRODUÇÃO

O aumento da sensação de medo e insegurança nas cidades contemporâneas tem provocado transformações profundas nas dinâmicas sociais e na configuração do espaço urbano. Em resposta a esse cenário, múltiplas estratégias de segurança vêm sendo incorporadas às edificações e à paisagem, modificando a relação entre público e privado, assim como o modo de apropriação dos espaços coletivos. No município de Lagarto, localizado na região Centro-Sul de Sergipe, esses processos tornam-se evidentes nas alterações arquitetônicas e morfológicas que emergem como mecanismos de enfrentamento da violência cotidiana.

Entretanto, os efeitos dessas estratégias ultrapassam a noção de proteção física. Como afirma Caldeira (2011), tais práticas — simbólicas e materiais — produzem distinções, reforçam divisões sociais, impõem distâncias, multiplicam regras de exclusão e reconfiguram os movimentos no espaço urbano. O crescimento acelerado de Lagarto intensificou problemáticas urbanas, entre elas o aumento dos índices de criminalidade, contribuindo para que o medo se transformasse em elemento estruturador da paisagem e da arquitetura local.

Nessa perspectiva, torna-se pertinente analisar os impactos dessas transformações na paisagem urbana contemporânea. A paisagem, como lembra Santos (1986), não é fixa: ela se remodela conforme a sociedade se transforma, revelando no espaço as tensões, os hábitos e os valores de cada época. Hoje, observa-se a consolidação de um padrão arquitetônico voltado à autodefesa, caracterizado por muros elevados, barreiras físicas, sistemas de vigilância e dispositivos de controle, elementos que compõem o que se convencionou chamar de arquitetura do medo.

Essas práticas não são exclusivas de grupos de maior renda, mas nesses contextos tornam-se particularmente visíveis na forma de condomínios fechados, portarias blindadas, vigilância privada e territórios rigidamente controlados. Como aponta Bauman (2003), tais espaços reforçam uma lógica de separação e afastamento, criando “comunidades” cuja principal função é manter distância da “intimidade confusa” da vida urbana, normalizando o estado permanente de vigilância e emergência.

Caldeira (1997) denomina esses espaços de enclaves fortificados, áreas privadas, fechadas e monitoradas que utilizam o medo da violência como justificativa para operar fisicamente a segregação social. Esses enclaves transformam a paisagem urbana ao impor barreiras materiais e simbólicas que limitam fluxos, segregam grupos e enfraquecem a esfera pública. Rolnik (2008) observa que a antiga lógica centro-periferia dá lugar à divisão entre “lugares seguros” e “lugares violentos”, redefinindo a organização do território e evidenciando novas fronteiras socioespaciais.

Nesse cenário, a cidade de Lagarto/SE apresenta um conjunto expressivo de alterações espaciais decorrentes da adoção massiva de dispositivos de segurança, que remodelam fachadas, reduzem áreas de convivência e incentivam práticas urbanas cada vez mais individualistas. Desta forma, este estudo teve como objetivo apresentar uma análise crítica sobre como a violência, crescente no cotidiano urbano, influencia a arquitetura e a paisagem da cidade de Lagarto/SE.

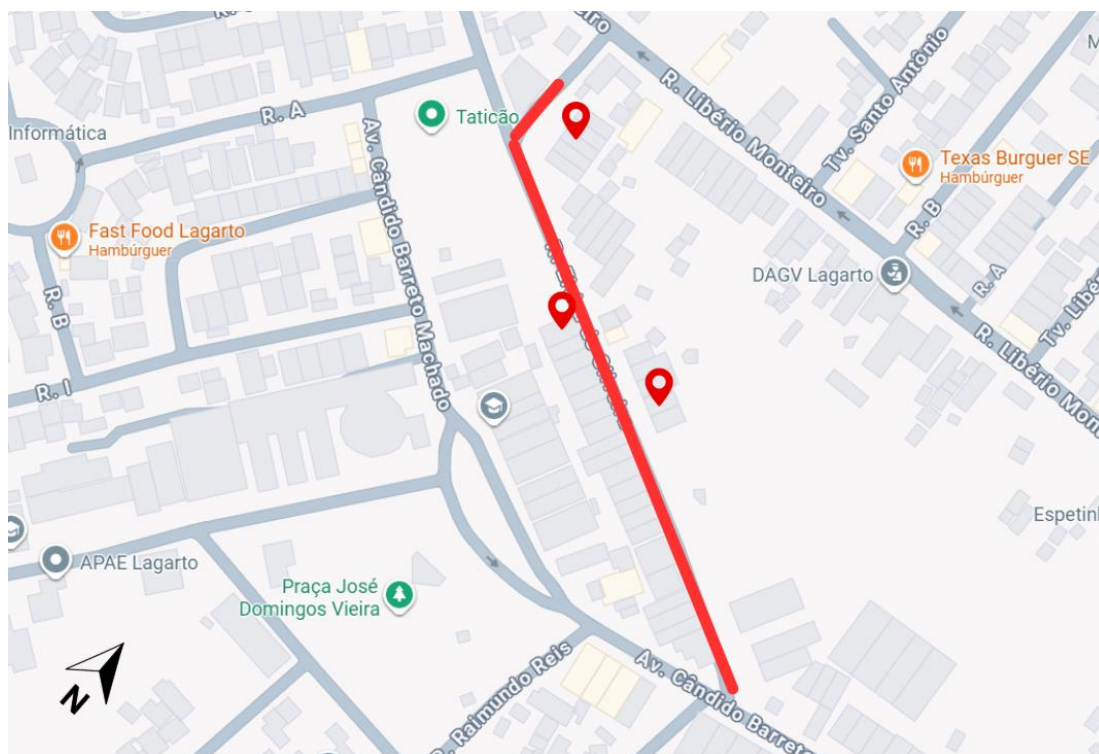
Busca-se desenvolver uma análise com ênfase nas mudanças que a violência urbana instiga nas configurações visuais, arquitetônicas e espaciais da cidade, assim como nas

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A organização metodológica deste estudo fundamenta-se, inicialmente, em uma abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos e produções acadêmicas que discutem a temática da violência urbana e suas repercussões na paisagem da cidade. Essa etapa permitiu construir o referencial teórico necessário que orientam a análise proposta.

Em um segundo momento, adotou-se uma metodologia de caráter misto, articulando observação direta, registros fotográficos e análise espacial. Para a definição do recorte urbano (Figura 1), considerou-se como critério principal a presença significativa e recorrente de estratégias de segurança na paisagem urbana, tais como muros elevados, grades reforçadas, câmeras, cercas elétricas e sistemas de vigilância privada. A partir desse critério, selecionou-se como área de estudo o Bairro Laudelino Freire, em especial a Rua Elvira de Oliveira, onde esses elementos se apresentam de forma concentrada e expressiva. Essa escolha possibilitou observar de modo mais preciso como o medo e a sensação de insegurança se materializam na arquitetura cotidiana e influenciam a configuração do espaço urbano

Figura 1: Demarcação da região selecionada: Rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE.



Fonte: Google Maps website, 2009.

Após a definição do recorte espacial, realizou-se um levantamento fotográfico sistematizado, a fim de registrar e auxiliar nas análises dos trechos que apresentavam evidências das táticas de segurança empregadas na área.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa evidenciam a adoção de um conjunto expressivo de medidas preventivas extremadas, utilizadas por diferentes grupos sociais como resposta ao aumento da insegurança urbana. Essas estratégias, embora concebidas como mecanismos de proteção, acabam produzindo transformações profundas na paisagem da cidade, alterando tanto sua forma quanto sua função. Considerando que a paisagem urbana é constituída por múltiplos elementos e suas inter-relações, tais intervenções revelam um processo contínuo de deformação estética, simbólica e espacial.

Verificou-se que o uso massivo de dispositivos de segurança — como grades, muros elevados, cercas elétricas e barreiras pontiagudas — interfere negativamente na qualidade visual da cidade, contribuindo para a construção de um ambiente hostil e visualmente fragmentado. A paisagem passa a expressar não apenas a presença da violência, mas também a sua antecipação, reforçando uma lógica de ocultamento e autoproteção. Como destaca Bauman (2004, p. 78), muitos lares urbanos deixam de cumprir sua função de integração comunitária e passam a existir primordialmente para proteger seus habitantes. Assim, configura-se um modelo de cidade que enfraquece o convívio social, intensifica o isolamento e aprofunda processos de segregação socioespacial.

O levantamento fotográfico realizado permite visualizar com clareza esses efeitos. Na Figura 2, observa-se, por exemplo, o emprego de gradis na fachada principal de uma residência. Embora esse recurso apresente vantagens funcionais, como a manutenção da ventilação e a possibilidade de visibilidade entre interior e exterior, seu uso ultrapassa a dimensão estética. Os gradis, dotados de barras pontiagudas e elementos cortantes, atuam como dispositivos de demarcação territorial e contenção física, evidenciando o medo incorporado à arquitetura cotidiana. Esse tipo de solução demonstra como o espaço doméstico se transforma em um território defensivo, reforçando a percepção de ameaça constante.

Figura 2: Residência situada na rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE.



Fonte: Wedson Andrade, 2025.

Na Figura 3, observa-se ainda o uso de um portão que praticamente impede a visualização do interior da residência, associado a um muro alto de pedra e à presença de gradis na parte superior. Esses elementos, combinados a outras estratégias de segurança, buscam reforçar a proteção e o isolamento, mas acabam contribuindo para a formação de um ambiente segregador, individualista e pouco permeável ao convívio urbano.

Figura 3: Residência situada na rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE



Fonte: Wedson Andrade, 2025.

A Figura 4, demonstra diversas estratégias voltadas à proteção autônoma, como o modelo do portão, a altura elevada do muro e o uso de cercas horizontais em alvenaria. Esses elementos reforçam o isolamento do lote e intensificam a segregação visual e espacial do entorno.

Ao confrontar essas observações com as reflexões de Jacobs (2000), percebe-se um movimento oposto ao que a autora defende em sua obra “Morte e Vida das Grandes Cidades”. Essa autora enfatiza a importância da conexão visual entre a rua e as edificações, argumentando que a vitalidade urbana e a segurança emergem de forma mais natural quando existe interação entre o espaço público e a vida cotidiana dos moradores. Seu conceito de “olhos da rua” destaca justamente a relevância das pessoas que, consciente ou inconscientemente, observam o espaço urbano enquanto o utilizam ou a partir do interior de suas próprias casas.

Assim, torna-se evidente que os espaços urbanos contemporâneos têm se transformado de maneira acelerada, influenciando tanto as dinâmicas sociais quanto a morfologia das cidades. Essas mudanças não apenas alteram o cenário visual, mas também redefinem a arquitetura das habitações e a paisagem intrínseca da cidade, resultando em ambientes cada vez mais segregadores e menos propícios ao convívio coletivo.

Figura 4: Residência situada na rua Elvira de Oliveira, em Lagarto/SE.



Fonte: Wedson Andrade, 2025.

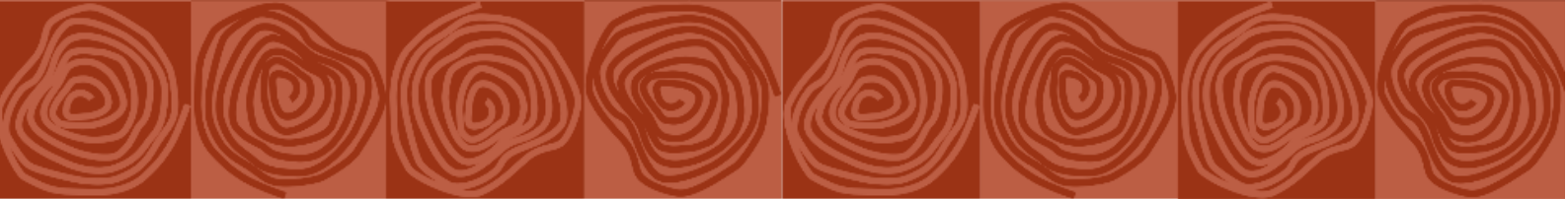
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade, frequentemente vista como espaço de diversidade, encontros e possibilidades, revela-se também como palco de tensões e conflitos, onde a violência urbana se manifesta e reconfigura a experiência cotidiana. A arquitetura, nesse contexto, desempenha papel central, pois materializa respostas sociais ao medo, influenciando não apenas a estética do ambiente construído, mas também as percepções de segurança, pertencimento e convivência.

Os resultados desta pesquisa demonstram a recorrência e o fortalecimento de estratégias defensivas em Lagarto/SE, impulsionadas pela crescente sensação de insegurança que marca muitas cidades brasileiras contemporâneas. A adoção generalizada de dispositivos privados de proteção, muros elevados, gradis, portões fechados e sistemas de vigilância, reflete a insuficiência das políticas públicas de segurança e evidencia uma transferência da responsabilidade do Estado para o indivíduo. Essa dinâmica interfere diretamente na forma, função e leitura da paisagem, produzindo ambientes cada vez mais individualistas, fragmentados e pouco acolhedores.

A paisagem urbana, profundamente sensível a esses processos, passa a expressar visualmente o retraimento social e o fortalecimento da arquitetura do medo. A proliferação de barreiras físicas e elementos de vigilância transforma fachadas, compromete a permeabilidade visual e descaracteriza o espaço público, que deixa de ser lugar de convivência para se tornar território de defesa. O resultado é uma cidade que perde vitalidade, beleza e sociabilidade, convertendo-se em cenário marcado pela desconfiança e pelo isolamento.

Entretanto, compreender a violência urbana não deve levar a conclusões fatalistas. Pelo contrário, reforça a necessidade de repensar o papel da arquitetura, do planejamento urbano e das políticas públicas para construir cidades mais seguras, inclusivas e



integradas. O medo não precisa ser o principal organizador da paisagem; é possível criar estratégias que conciliem segurança com abertura, convivência e qualidade de vida.

Assim, torna-se evidente que a relação entre paisagem, arquitetura, violência e cidade é complexa e dinâmica. Para avançar, é fundamental investir em soluções que reduzam a criminalidade, qualifiquem os espaços públicos e promovam a participação social. No caso de Lagarto/SE, torna-se urgente fortalecer a segurança pública, evitando que o ambiente urbano continue a reproduzir a lógica da segregação e da clausura.

Conclui-se, portanto, que a arquitetura da violência, além de não solucionar as tensões urbanas, aprofunda desigualdades, compromete a experiência coletiva da cidade e produz paisagens marcadas pelo afastamento. Superar esse cenário exige ações integradas, capazes de transformar o medo em oportunidade para repensar a cidade como um espaço de encontro, proteção e pertencimento.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CALDEIRA, T. P. do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo, EDUSP/Editora 34, 2011.

CALDEIRA, T. P. do Rio. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro: Novos Estudos CEBRAP, n. 47, 1997.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades uma antologia**. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. P. 293 – 301.

GUITARRARA, Paloma. **“Violência urbana”**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilestela.uol.com.br/geografia/violencia-urbana.htm>>. Acesso em: 23/03/2024.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROLNIK, R. **Pactuar o território – desafio para a gestão de nossas cidades**. Princípios revista teórica, política de informação, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 37-38.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuh C. **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.